
A UTOPIA DE SIMÃO BACAMARTE *

*Glauco Rodrigues Cortez ***

Resumo: O trabalho faz uma leitura do conto *O Alienista*, de Machado de Assis, a partir de uma óptica que questiona a racionalidade científica e o seu entendimento sobre a loucura. Em um estilo ensaístico, o texto utiliza, basicamente, citações do conto que, ao ser narrado, expõe de uma forma magnífica os conflitos entre a razão e as incertezas da realidade.

Palavras-chave: literatura, racionalidade, loucura, cultura, cientificismo, mitificação, conhecimento e certeza.

Abstract: *This paper presents a reading of the short-story O Alienista (The Alienist), by Machado de Assis, from a standpoint that questions scientific rationality and its understanding of madness. As if it were an essay, the text basically uses quotations from the short-story, a clever narrative dealing with the conflicts between reason the uncertainties of reality.*

Key words: *literature, rationality, madness, culture, scientific attitude, mythicizing, knowledge and certainty.*

Nem a ciência e nem o positivismo em particular podem desejar figura mais ilustre que a do doutor Simão Bacamarte: a beleza personificada da impavidez, da indiferença. Seus gestos sempre terminam por deixar a impetuosidade, a volúpia e todas as paixões derrotadas pelo nocaute. Um simples olhar, um sorriso infinitamente discreto, um diagnóstico; um personagem construído sobre seus próprios atos. Simão Bacamarte é um sábio, isto é, um doutor e todas as honras ser-lhe-ão devidamente concedidas antes de sua apresentação.

Simão Bacamarte é o alienista, personagem do conto homônimo de Machado de Assis, publicado pela primeira vez em 1882 no livro *Papéis Avulsos*. Alienista é o título que protege Bacamarte 24 horas por dia. É um viver clínico, como ele bem define: “a ciência é o meu emprego único”. E logo em seguida delimita o campo da sua pesquisa: “Itaguaí é o meu Universo”¹.

Em *O Alienista*, Machado de Assis relata as peripécias e os acontecimentos da pequena cidade de Itaguaí, situada no estado do Rio de Janeiro.

Logo na primeira página do conto, Machado nos dá a idéia dos acontecimentos burlescos e patéticos que a atitude científica com inspiração positivista e objetiva do doutor Bacamarte trará aos habitantes da pequena Itaguaí. Trata-se da escolha de sua noiva:

“Aos quarenta anos casou-se com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia

*condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte. D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos.”*²

A esperança de ter filhos, que durou anos de espera, não fez Bacamarte desistir. Como última tentativa, ele recebeu a sua esposa alguns regimes que também não deram em nada. O olhar científico havia falhado.

A julgar pela definição inicial de Evarista, Simão Bacamarte não a via como uma esposa. Na verdade, ele havia se casado com uma máquina em bom funcionamento e de boa qualidade técnica. Está aqui talvez a prostituição da natureza que a ciência decretou. A ciência experimental vê a natureza não como vida, mas como jazida, algo sedimentado e de necessária exploração. Simão tem os olhos de metal, duros, lisos e eternos e evita ver a paixão, o desejo.

Mas essa história de amor tão complicada entre o olhar Bacamarte e a natureza Evarista está só começando. Machado nos dá um exemplo magnífico de como a natureza sucumbe à lógica. É o momento de chegada a Itaguaí de toda a comitiva que foi ao Rio de Janeiro levando a passeio D. Evarista, sua tia e a mulher do boticário Crispim Soares.

“O alienista foi recebê-la, com o boticário, o padre Lopes, os vereadores e vários outros magistrados. O momento em que D. Evarista pôs

* Data de recebimento para publicação: 27/04/1998.

** Professor da Universidade São Judas Tadeu, mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) e doutorando no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

¹ ASSIS, Machado. *O Alienista*. Rio de Janeiro: Ed. TecnoPrint.

² Idem. *Ibidem*. pág. 17.

os olhos na pessoa do marido é considerado pelos cronistas do tempo como um dos mais sublimes da história da moral dos homens, e isto pelo contraste de duas naturezas, ambas extremas, ambas egrégias. D. Evarista soltou um grito — balbuciou uma palavra e atirou-se ao consorte — de um gesto que não se pode melhor definir do que comparando-o a uma mistura de onça e rola. Não assim o ilustre Bacamarte; frio como diagnóstico, sem desengonçar por um instante a rigidez científica, estendeu os braços à dona que caiu neles e desmaiou.”³

Curto incidente que nem um pouco tocou as virtudes de Bacamarte. Ele não confunde sua vida privada com a ciência porque, simplesmente, não há vida particular, apenas ciência. O seu papel em Itaguaí é o mesmo que o de Isaac Newton. Ambos acreditavam estar descobrindo as leis universais gravadas por Deus na natureza.

“Estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade”⁴.

Por mais que se negue, Bacamarte admite mistérios em seu coração. Mas é um coração que pulsa no compasso matemático do relógio. Por isso, seus mistérios são defeitos ainda não diagnosticados. Assim, para ele, o espírito humano é uma vasta concha na qual existe uma pérola que precisa ser extraída. Essa pérola chama-se Razão. *“Por outros termos, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia”⁵.* O remédio universalmente aplicável e que separaria o joio do trigo precisa ser logo alcançado visto que a loucura, objeto de estudo de Simão Bacamarte, não se enquadra mais na primeira hipótese, por ele aventada, de que seria uma ilha perdida no oceano da razão. A nova suspeita recai sobre um continente inteiro.

Após estabelecer a teoria, Bacamarte passa a fazer seus experimentos, recolhendo amostras da loucura para dentro da Casa Verde, local onde são internados os loucos de Itaguaí. O primeiro foi Costa, um cidadão estimado na cidadezinha. O diagnóstico do alienista foi de *louco pródigo*. Costa havia recebido uma herança que daria para viver, de acordo com os cronistas da época, até o fim do mundo. Mas ele acabou por encerrá-la em gastos e empréstimos, ao cabo de cinco anos.

“... daí em diante foi uma coleta desenfreada. Um homem não podia dar nascença ou curso à mais simples mentira do mundo, ainda daquelas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo metido na Casa Verde. Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os maldizentes, os

curiosos da vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na tafularia, um ou outro almotacé enfundado, ninguém escapava aos emissários do alienista”⁶.

Não se sabe mais quem é louco ou quem guarda a pérola da razão intacta, isolada. O pânico se espalha pela cidade e alguns moradores tentam interceder junto ao grande médico. De nada adianta: Bacamarte tinha para si que a *ciência era ciência*⁷. Mas os habitantes não se contentaram e, liderados pelo barbeiro, um grupo de pessoas se rebela a fim de demolir a Casa Verde que, segundo expressão famosa de um poeta anônimo de Itaguaí, era a *Bastilha da Razão Humana*, uma frase que causou estranheza e encantamento aos itaguaienses

Os rebeldes chegam à casa de Bacamarte e antecipam suas pretensões ao médico. Mas a impavidez daquele doutor apenas manifestou um sorriso infinitamente pequeno, que não chegou a ser visível ao olhar dos manifestantes, e respondeu:

“Meus senhores, a ciência é coisa séria e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas, se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós em comissão dos outros a virem ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos nem a rebeldes.”⁸

Mas uma vez a *Deusa Ciência*, na pele humana de um ilustre mortal, declara tão suavemente seu poder que faz a arrogância ficar atenuada. Está decretada a diferença entre o cientista e o resto da população. Como o rei que não fala diretamente com o plebeu, o mito científico personificado nega o diálogo com os efêmeros passageiros da Terra. O ilustre mortal Bacamarte, por se achar ilustre, esqueceu-se como mortal. O positivismo, na sua desértica secura, vive a glória da tirania na voz de um homem íntegro, ético, altruísta e austero. Bacamarte, ancorado pela fé da verdade absoluta do conhecimento, vence sozinho protestos e rebeliões.

Em certo momento da história dessa cidade, os cronistas da época nos contam, amparados em documentos deixados pelo alienista, que havia quatro quintos da população internada. Aquele fato fez com que o intrépido doutor, num ato que surpreendeu a todos, revisse sua teoria. Mandou um ofício à Câmara Municipal dizendo que todos os internos seriam soltos. Neste célebre ofício, ele dizia que tal deslocamento da população levou-o a examinar os fundamentos da sua teoria das moléstias cerebrais, isto é, *“teoria que excluía da razão todos os casos em que o equilíbrio das faculdades não fosse perfeito e absoluto”⁹.* Mas o egrégio cientista não se abateu. Com a idêntica convicção de verdade com que

³ Idem. Ibidem. pág. 31.

⁴ Idem. Ibidem. pág. 20.

⁵ Idem. Ibidem. pág. 26.

⁶ Idem. Ibidem. pág. 46.

⁷ Idem. Ibidem. pág. 29.

⁸ Idem. Ibidem. pág. 37.

⁹ Idem. Ibidem. pág. 48.

elaborou sua primeira teoria, ele a repetiu na segunda: “*a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta, e portanto que se deveria admitir como normal o exemplar de equilíbrio das faculdades e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto*”¹⁰.

Bacamarte não abandonou a postura nem a metodologia positivista, mas, como que num instante de delírio, ele decreta que a *razão* e a *razão-do-ser* não se equivalem, que o ser humano não significa razão, mas vida, indeterminação; que a comparação orgânica da pérola escondida em meio à concha, pronta para ser extraída, se perdeu. Sobre a metáfora do invólucro calcário, o plano ideal da razão torna-se uma utopia perversa. Se um dia foi sonho, agora é pesadelo.

Mas a história dessa amável cidade não termina aqui. A Câmara Municipal aprova, com certas restrições, a nova teoria do doutor. O vereador Freitas propõe uma espécie de *imunidade parlamentar*, ou seja, os representantes do poder legislativo não poderiam ser recolhidos, sob qualquer hipótese, ao asilo dos novos loucos. A cláusula foi votada e incluída sob o protesto do ético vereador Galvão. Segundo esse magistrado, *a exceção é odiosa e ridícula*; legislando sobre a experiência científica, a Câmara não poderia excluir as pessoas de seus membros das conseqüências da lei e concluiu que a vereança não pode conceder nenhum poder especial a seus integrantes que os elimine do espírito humano. Mal o vereador Galvão proferiu essas palavras, *romperam os vereadores em altos brados contra a audácia e a insensatez do colega*”¹¹.

Simão Bacamarte aceitou a postura da Câmara.

“*A cláusula, porém, era a melhor prova de que eles não padeciam do perfeito equilíbrio das faculdades mentais. Não acontecia o mesmo com o vereador Galvão, cujo acerto na objeção feita, e cuja moderação na resposta dada às invectivas dos colegas mostravam da parte dele um cérebro bem organizado; pelo que rogava à Câmara que lho entregasse. A Câmara, sentindo-se ainda agravada pelo proceder do vereador Galvão, estimou o pedido do alienista e votou unanimemente a entrega.*”¹²

Mais de cem anos após estes acontecimentos, as assembleias legislativas do país assumiram, sem traumas, o freitanismo. Mas a ciência não conseguiu resolver o paradoxo provocado pelo vereador Galvão. A política desmente a ciência ao mesmo tempo que esta desmente a política. A primeira, no sentido de que o *louco* que faz a política é da mesmíssima espécie do que faz a ciência. A Segunda, ao mostrar a insensatez dos magistrados amparada por uma razão legalmente estabelecida.

Simão Bacamarte recomeça seu trabalho já com o primeiro novo paciente, o vereador Galvão. Novas internações surgiram, de pessoas com uma normalidade extremamente patológica. Bacamarte, então, começou a

delimitar a sua nova teoria através de uma classificação, de um deslindamento da normalidade.

“*os alienados foram alojados por classes. Fez-se uma galeria de modestos; isto é, os loucos em que predominava esta perfeição moral; outra de tolerantes, outra de verídicos, outra de simplices, outra de sinceros, etc*”¹³.

O ilustre doutor, por ser tão exacerbadamente científico, acaba por implodir a ciência. A ciência atinge o último grau do termômetro. A civilização é louca por ser normal, mais que isso, a normatização da normalidade é passível de discriminação. O normal é diferente do próprio normal. O diferente do normal é o normal justamente por ser diferente. É o poder máximo da ciência positiva e também a sua derrocada: a ciência é louca.

Apenas para finalizar essa história, após algum tempo de internação, os pacientes começaram a apresentar pequenos sintomas de desequilíbrio mental, o que fez com que o alienista os soltasse, até o último. Com esse fato, uma nova angústia atinge esse magnífico espírito científico. Segundo os cronistas da época, foi uma *das mais medonhas tempestades morais que têm desabado sobre o homem*”.

Bacamarte olhou para o objeto de seu estudo, mal dava para diferenciar as imagens nebulosas que via. Por um instante, em meio aquelas figuras misteriosas e obscuras, ele julgou ver sua própria face.

“— *Sim, há de ser isso, pensou ele.*

Isso é isto. Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto”¹⁴.

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Machado. O Alienista. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint.

* * * * *

¹⁰ Idem. Ibidem. pág. 48.

¹¹ Idem. Ibidem. pág. 50.

¹² Idem. Ibidem. pág. 50.

¹³ Idem. Ibidem. pág. 51.

¹⁴ Idem. Ibidem. pág. 55.